

## A GÊNESE DE CASA-GRANDE & SENZALA

Mauro Mota

O informe até hoje é omitido nas biografias do livro e do autor. Começou com Gilberto Freyre, aos dez anos, em férias escolares (do Colégio Americano Gilreath, do Recife) no Engenho São Severino dos Ramos, em Paudalho, zona da mata-norte de Pernambuco. Aí o menino urbano passou do carneiro Belém branco e mocho (exigência do tio Zé Maria) ao cavalo Vesúvio, castanho, frente aberta, manalvo. E, em cima de Vesúvio, a um território além, muito além, do quintal de casa, do pátio do colégio, das ruas da Capunga (Bairro do Recife). Partidos de cana, casas de moradores mais distantes, engenhos mais próximos, embora, no próprio São Severino dos Ramos, estivesse dentro de um mundo que, nos seus estudos sociais, iria habitar para o resto da vida. A casa-grande, grande mesmo nas salas, no quarto dos santos (as rezas coletivas da boca da noite) nas camarinhas, nas despensas, na puxada dos arreios (selas, silhões, rédeas, rebenques, botas, esporas) a casa-grande saindo dela mesma nos alpendres de bancos e avencas, de redes e passarinhos: Dentro, a fartura dos senhores, os Souza Mello, ascendentes maternos, num ponto que também iria impressionar o menino: a fartura da parentela, e das tias às voltas com bolos e doces, e das mulatas peritas no preparo de pratos de sustância, buchada, panelada, feijoada, rabada, lingüiça, mais curimatãs no molho de coco, guisados de peru e capão, servidos na mesa patriarcal.

Que espécie de intuição o levava a ficar "horas esquecidas" – inesquecíveis, poderíamos contestar hoje – correndo a antiga senzala, o "pombal negro", como o chamara Nabuco, referindo-se a Massangana, e então ainda existente na estrutura primitiva? A acompanhar o trânsito da cana do corte aos pães-de-açú-

car (adorava tanger os burros dos cambiteiros) pedir explicações ao pessoal da moenda, das caldeiras, das tachas, da casa-de-purgar?

A essa curiosidade técnico-infantil em torno do funcionamento do banguê de fogo aceso, à vadição do jogo de castanhas, em companhia dos moleques agregados, de bulir nas cabras e nas ovelhas, de seguir os caminhos paralelos feitos pelos carros-de-bois e pelo cabriolé nos caminhos do massapé, juntava-se o interesse — caso de pura, de singular predestinação em Gilberto Freyre — pela sociedade agrária, naturalmente falada de outro jeito, com outro nome, interesse nas relações entre senhores e antigos escravos (vários ainda não tratados de negras ou negros velhos, pois alforriados estavam só há 22 anos) entre pais e filhos, entre filho e “crias” de casa, interesse em costumes, cantigas de eito, modos de vestir, compras de pano e jóias de mascates, etc. É pena que se tivesse perdido um caderninho com esses diálogos em preto e branco e em estilo escolar de perguntas e respostas, contemporâneo, diferença de um ano, do soneto no qual Manuel Bandeira identificou influências de Camões: “Nas jangadas soluços do oceano / De quem no mar e céu ainda confia / Mas preso ao fiel sal que à incerta areia”.

Perdeu-se o caderninho, mas ficou na memória, confrontadas, ratificadas e aumentadas as notas, nas conversas, anos depois, com outros ex-cativos, Luiz Mulatinho, Maria Curinga, Jovina, Bernardo, (além de Manuel, que morreu centenário em Santo Antônio de Apipucos) durante as excursões pelos engenhos da mata-sul, de onde tinham saído quase todos os barões e viscondes pernambucanos. Excursões, algumas em companhia de Cícero Dias, sinhozinho de Jundiá, para conhecer sistemas de plantio, bichos, águas interiores, as águas do rio Una — as do Capibaribe já eram conhecidas do Recife e de Paudalho — ainda livres da poluição (contra a qual iria reagir em *Nordeste*) oferecendo banhos, peixes, pitus; para conhecer as árvores, não só as fruteiras, pelos nomes certos, pois não aceitava o genérico, que lhes davam, de pé-de-pau; para conhecer por fora e por dentro as casas-grandes dos engenhos Noruega, Mupan, Contendas, Ipojuca, Raiz, Dois Leões, de Gerônimo Dias de Arruda Falcão, o “gourmet” que, de uma cadeira de balanço, dava ordens à cozinheira sobre o preparo de guisados e doces; Morim, de Estácio Coimbra; Queimadas, de Júlio Belo, autor de *Memórias de um Senhor de Engenho*, e Japaranduba, de Pedro Paranhos, senador estadual, alto, rico, cavanhaque louro e olhos azuis. Os três últimos, embora da geração do pai de Gilberto, de Gilberto amigos e assistentes na busca de álbuns de família, livros de assentamentos, testamentos, diários, bilhetes, atas, cartas, inventários, relatórios, papéis de cartório e igreja, toda espécie de MSS. útil à planejada *História da Vida de um Menino no Brasil*. Esse o primeiro título pensado para *Casa-Grande & Senzala* — “O menino, a mulher e o negro estavam muito escondidos na História do Brasil” talvez em São Severino dos Ramos, em cuja porteira poderia botar-se a tabuleta: Aqui nasceu *Casa-Grande & Senzala*. Inclusive porque o engenho não tinha, como os outros, apenas capela funcionando nas festas religiosas do ano. Tinha, como ainda hoje tem, e cada vez mais freqüentada, igreja com missa, sermão, batizado, casamento, com padre vigilante em acabar com

os amancebamentos. Igreja com as dimensões de muitas matrizes de paróquia, situada quase à margem da estrada da Great-Western, hoje também da rodovia, e com a sacristia e os corredores tão povoados de ex-votos, que, através deles, já se falou nisso, seria possível diagnosticar-se as doenças do Nordeste. Gente de várias procedências entre Bahia e Maranhão, mulheres e homens, velhos e moços, trabalhadores rurais, operários, beatas, hereges, fanáticos, todos chegando de trem, de carro-de-boi, de caminhão, a cavalo, a pé, para agradecer as curas, cumprir as promessas. Se as peças não fossem, na grande maioria, de madeira (as de cera e as estampas quase não aparecem) a impressão seria a de que teria havido no local uma carnificina, deixando cabeças, barrigas, corações, mãos, pés, pernas, fígados, baços, gargantas, intestinos, por todo canto. Tudo por causa do Alferes São Severino dos Ramos, o padroeiro, deitado no caixão com as vestes militares, a espada e a força de fazer milagres, firme na imaginação do povo. Tanto que não se falava na igreja situada no território do engenho e sim no engenho dentro das terras do Alferes.

Sem a importância de Juazeiro do Norte, com o Padre Cícero, ou de Bom Jesus da Lapa, São Severino dos Ramos forma um núcleo de catolicismo popular, de romarias, de superstições, que teve, na infância de Gilberto Freyre, a influência que ele conduziria à sua Sociologia e à sua Antropologia. Suas porque, diante dessas ciências sociais, ele fez uma criação autêntica pelos métodos, pelos modos-de-ver, pelas análises, pela expressão — inventou uma língua portuguesa nova dentro da portuguesa tradicional — pelas repercussões. A 40 anos de distância pela data da capa, 1934, e a 41 pela (errada) da folha-de-rosto, 1933, revejo a 1a. edição — saíram duas edições "piratas", sem pagamento de direitos autorais — de *Casa-Grande & Senzala*, Maia & Schmidt Ltda., editores, composição e impressão do Estabelecimento Gráfico Canton & Reile, Praça Vieira Souto, 3-A, Rio de Janeiro. No verso da última página, a 517, a advertência em destaque: FIM. A edição fora contratada por cinco contos de réis e o pagamento em prestações mensais de 500 mil réis. Uma deixou de ser paga. Entre a capa e a falsa folha-de-rosto, há uma "errata" que reflete o desapontamento do autor com as "irregularidades na ortografia", e "vários erros, omissões e descuidos que escaparam à revisão especialmente nos textos em línguas estrangeiras".

Maia & Schmidt Ltda., defendidos pelo jurista Francisco de Campos, lutaram para manter-se na posse dos direitos para novas tiragens, mas foram derrotados nessa pretensão pelo advogado Trajano de Miranda Valverde. Assim foi o início da carreira de um livro que viria revolucionar os estudos da Sociologia e da Antropologia e as formas de comunicá-los. Livro sobre a formação da família brasileira sob a forma do patriarcalismo, com várias substâncias: açúcar, café, gado, minérios, etc., mas com ênfase no Nordeste.

Quando perguntei uma vez a Gilberto Freyre por que então essa ênfase ao Nordeste, ele respondeu lógico, mas fazendo um ar de espanto, sacudindo no chão a cinza do charuto, como se duvidasse da lucidez da pergunta:

— Ora, por que tudo começou aqui!

A formação da família brasileira sob o regime do patriarcalismo, e, juntei, o mais importante estudo feito sobre essa formação, peça clássica, básica, cada vez mais atual na bibliografia brasileira.

Como foi imaginado e composto? Ainda com várias substâncias e vários espaços todos convergindo para uma unidade geo-social indivisível. A temporada do Engenho São Severino dos Ramos perdeu tal limitação de calendarista, marcando um tempo sucessivo que, passando, crescia. Tanto que, voltando de lá, Gilberto Freyre trocou os brinquedos. Nada mais de pião, de papagaio com roçega, invadindo, em estado de guerra, os céus da vizinhança. Virara "senhor-de-engenho". Ele, o irmão Ulysses e o "feitor", o moleque da casa, Severino. Havia o engenho de barro, as quengas de coco, servindo de tachas e fazendo mel de rapadura em cima de pequenas fogueiras de lenha. O pessoal e os animais de serviço ainda feitos de barro. Havia capela e "casa-grande" de papelão; havia em quartos externos dessa "casa-grande", bonecos de celulósido brancos e pretos nos ensaios de miscigenação.

Além dessa, além de todo o material recolhido em arquivos de famílias, em baús de couro, que tanto mostraram os nexos entre a civilização agrícola e a pastoril, em gavetas choronas de cômodas de sinhás e sinhazinhas, *Casa-Grande & Senzala* teve elementos coletados na Biblioteca Pública de Pernambuco, na Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife, no Museu Nina Rodrigues, na Bahia (artes e trajes de negras quituteiras, doçaria, enfeites de tabuleiros de bolo), em Lisboa (Biblioteca Nacional e Museu Etnológico) na biblioteca de Oliveira Lima, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em museus de Antropologia da Alemanha. Na previsão do seu destino, *Casa-Grande & Senzala* começou internacional: foi escrito seguidamente no Senegal, em Lisboa, nos EE. Unidos, na Alemanha, no Rio de Janeiro e no Recife. (No Recife, a conclusão, na casa mourisca do Carrapicho, entre o cheiro das pitangas e dos cajás do sítio e o de Maria, 17 anos, filha da catimbozeira Josefina Minha Fé, que morava defronte, e as visitas a Pai Adão, então o maior babalorixá do Recife.)

Por que tanta viagem? É que, em outubro de 1930, ocorrera a Gilberto Freyre "a aventura do exílio" em companhia do ex-governador Estácio Coimbra, deposto pela revolução, e de quem fora secretário. Converso agora com o "aventureiro" sobre uma afirmativa de Gilberto Amado: a de que ele, o "aventureiro", era "um método" que trouxera do estrangeiro, onde tivera grande mestre.

— Não é de todo exato, diz com firmeza. Desde a minha chegada ao Brasil da Europa, em 1923 — 4 anos de Estados Unidos e quase um de Europa — que sou a negação de um método único e que comecei a sentir a necessidade, não de introduzir métodos estrangeiros no Brasil, mas de adaptá-los, modificá-los em partes essenciais e até de inventar métodos brasileiros para situações brasileiras. Daí ter acertado o crítico francês existencialista Jean Pouillon ao surpreender em mim um novo tipo de existencialismo e ao destacar como contribuição original minha às Ciências do Homem o que chamou o meu "pluralismo metodológico"

(vários métodos, interligados em torno da análise e interpretação de um assunto). Isto foi heresia quando eu apliquei esse meu "pluralismo cultural" em C.G. & S. Mas hoje é o que está em voga. Daí ainda há pouco um notável crítico de Londres ter destacado que neste caso (como em outros), eu me antecipei pelo menos vinte anos a europeus e a norte-americanos.

Há outras antecipações de G. F.: aos onze anos, pesquisador e poeta, redator de *O Lábaro* e membro do Grêmio Literário Joaquim Nabuco do colégio; aos 15, conferencista de fraque, falando no teatro da Paraíba, sobre "Spencer e o problema da educação no Brasil"; aos 17, orador da sua turma de bacharel em Letras com o discurso incluído no seu livro *Região e Tradição*; aos 18, bacharel pela Universidade de Baylor e colaborador do *Diário de Pernambuco*; aos 23, concluinte dos estudos necessários ao grau de *magister artium* na Universidade de Colúmbia; aos 33, autor de *Casa-Grande & Senzala*, ensaiado antes em *Social Life in Brazil in The Middle of the 19th Century*, publicado em 1922, à sombra da Universidade de Colúmbia", e traduzido recentemente pelo professor Waldemar Valente", e mais nos estudos publicados no *Livro do Centenário* (1925) do *Diário de Pernambuco*.

G. F. muito valorizou, como substância social, os anúncios de jornal, inclusive os do século XIX sobre escravos fugidos. Vê-se muito sumo escorrendo das muitas três ou quatro linhas que pareciam limitadas a um interesse confinado ao dia do jornal. Mas a questão é de saber lê-las mesmo porque, diz G. F. a história da humanidade encontra-se mais nos romances que nos livros de história, e, mais ainda que nos romances, encontra-se nos anúncios de jornais. E afirma, em relação ao caso brasileiro, que, nas gazetas dos nossos bisavós, já se escrevia português brasileiromente; ao contrário do que acontecia com a língua dos discursos dos constituintes do Império, "ainda ranços de casticismo".

Daí os anúncios sobre negros fugidos (ou à venda) apresentarem uma "linguagem de fotografia de gabinete policial de identificação: minuciosa e até brutal nas minúcias; sem retórica nem panos mornos". E, assim, de enorme utilidade e autenticidade para a pesquisa; para o conhecimento da personalidade e das deformações de corpo de negros e mestiços escravizados no Brasil do século passado. Mais do que isso: para o conhecimento também da personalidade, particularmente das deformações (não de corpo, morais) da maioria dos senhores desses negros e mestiços. Alguns desumanos por dentro e por fora, que tratavam as "peças" (humanas) como bichos, mas antes transformavam-se em bichos (ferozes) para tratá-las.

Nem as crianças escapavam da súcia dos sádicos das plantações de cana. Caso do negrinho Anacleto que fugiu dos algozes, conforme anúncio no *Diário de Pernambuco*, a 7.10.1836. Tinha apenas oito anos de idade. E tinha "calos nas mãos e marcas de relhos nas costas", segundo as indicações feitas aos "capitães do mato".

Os anúncios revelam todas as deformações impostas pela natureza do trabalho e das sevícias: de cabeça, pernas, braços, mãos. E ainda as doenças impostas pelas deficiências de habitação e alimentação.

*Casa-Grande & Senzala* divide-se em cinco capítulos: I — Tendências (características nas edições posteriores) gerais da colonização portuguesa do Brasil; formação de uma sociedade agrária escravocrata e híbrida; II — O indígena na formação da família brasileira; III — O colonizador português: antecedentes e predisposições; IV — O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro; V — Conclusão. O autor define-o como um "ensaio de sociologia genética e de história social, pretendendo fixar e às vezes interpretar alguns dos aspectos mais significativos da formação da família brasileira". E demonstra a aptidão do português, com a sua amálgama de culturas: a européia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista, para a vida tropical, aptidão mais afirmada em São Vicente e em Pernambuco do que na Índia e nas feitorias africanas.

Isso (consta do cap. I) em face da mudança de uma atividade apenas mercantil em agricultura e agricultura desenvolvida graças às condições geo-climáticas favoráveis, à escravidão, à mistura do colonizador com a nativa (depois com a negra) à estabilidade patriarcal da família.

"A escassez de mulheres brancas — escreve G. F. — criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravas. A miscigenação, que largamente se praticou aqui, corrigiu a distância social que, de outro modo, se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala".

O que era a casa-grande? Só a habitação vista no tamanho? Nem de longe. *Casa-Grande & Senzala* diz como ninguém dissera antes: era, completada pela senzala, o núcleo de um sistema social, político e econômico; era moradia, fortaleza, capela, santa-casa, convento, asilo de órfãos, harém e banco, tendo jóias e dinheiro em botijas ocultas nas paredes grossas ou no chão. Mais ainda, era sede do Governo, que vencera os impulsos da Igreja para ser a dona da terra. Ao derrotar o jesuíta, o senhor-de-engenho inaugurou, quase sozinho, o domínio sobre a colônia, mandando nela mais do que os bispos e os vice-reis. Nos séculos XVI e XVII, ajudado pelos indígenas.

"Índios e mamelucos formaram a grande muralha movediça de carne que foi alargando em sentido ocidental as fronteiras coloniais do Brasil ao mesmo tempo em que defenderam, na região açucareira, os estabelecimentos agrários dos ataques de piratas estrangeiros. A enxada é que não se firmou nunca na mão do índio nem na do mameluco, continua G. F. nem o seu pé de nômade se fixou nunca em pé-de-boi paciente e sólido. Do indígena quase que só aproveitou a colonização agrária no Brasil o processo da coivara".

Pé-de-boi paciente e sólido foi o do negro nas plantações de cana e em todos os demais serviços da sociedade agrária, inclusive os domésticos.

Aí estabeleceu-se a ponte da senzala para a casa-grande, um trânsito criador de tipos que se integrariam no conjunto familiar. A mucama, a ama-de-leite, a mãe preta, o pajem, o moleque. Um trânsito no qual o português colocaria à prova a sua miscibilidade e as negrinhas fulôs, o poder de participar da formação do brasileiro, a ponto de levar G. F. àquela afirmativa do capítulo IV, de *Casa-Grande & Senzala*: "Todo brasileiro, mesmo o alvo, traz na alma, quando não na alma e no corpo, a sombra ou pelo menos a pinta do negro". Isso em decorrência de toda uma série de influências africanas genéticas e sociais. A da miscigenação, a dos métodos agrícolas, das preferências alimentares, a dos cultos, a das superstições, a do vocabulário.

Na casa-grande, onde as meninas em geral casavam entre os 12 e os 15 anos, muitas vezes com velhos, e onde chamavam de velhinhas mulheres apenas trintonas, houve nuvens brancas e negras. Ciúmes homicidas. Senhoras brancas, mandando matar mucamas ao descobrirem que eram amantes dos maridos; pais, mandando matar os filhos rapazes também por causa da competição amorosa com mulheres da senzala.

Crimes dessa espécie constituíam achados para os "recolhedores de fatos" atuantes nos séculos XVIII e XIX, e antecessores dos fofoqueiros e intrigantes atuais. Eram indivíduos — registra *Casa-Grande & Senzala* — que se ocupavam em descobrir e anotar em cadernos "casos vergonhosos que, em momentos oportunos, serviam para emporcalhar brasões ou nomes respeitáveis. Em geral, exploravam-se os preconceitos de branquidade e de sangue nobre; desencavava-se alguma remota escrava ou mina; ou tio que cumprira sentença; avô que aqui chegara de sambenito. Registravam-se irregularidades sexuais e morais de antepassados. Até mesmo de senhoras".

Esta a sùmula dos temas desenvolvidos em *Casa-Grande & Senzala*. Embora, em todas as páginas, convergindo para a formação da família brasileira sob o regime patriarcal, um livro múltiplo: Sociologia, Antropologia, História, ensaio literário, ensaio de linguagem, poesia. Livro para atender a leitores de gostos e interesses diversos e para variar as leituras de um só leitor; livro que poderia ser levado à "ilha" para fazer as vezes das obras selecionadas.

Publicado na revista *Manchete* (Rio de Janeiro) de 24 de agosto de 1974, no. 1.166, p. 77-80 e incluído no livro *A Estrela de Pedra e outros ensaios nordestinos*: Recife, Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 1981, p. 109-114. Reproduzido com autorização do autor.

